



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

---

BRAGA

Utilização problemática da *internet* por parte dos  
adolescentes: relação com a vinculação percebida aos pais

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da  
Educação**.

**Filipa Manuela Ferreira Pereira**

**Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais**

OUTUBRO 2023



CATÓLICA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

---

BRAGA

Utilização problemática da *internet* por parte dos  
adolescentes: relação com a vinculação percebida aos pais

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da  
Educação**.

**Filipa Manuela Ferreira Pereira**

Sob a Orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora **Ângela Sá  
Azevedo**

## Resumo

Com o aparecimento da *internet* e o aumento constante da utilização e dos utilizadores da mesma, em maior número na população adolescente é possível que as relações entre pais e filhos se tenham alterado. Neste sentido, a presente investigação tem como objetivo analisar a relação entre a perceção da utilização problemática da *internet* e a vinculação aos pais. Recorreu-se a uma amostra não aleatória de conveniência de 307 adolescentes (52.1% do feminino) com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ( $M=14.25$ ,  $DP=1.71$ ). Foi administrado um protocolo que incluiu os seguintes instrumentos: Questionário sociodemográfico, *Escala do Uso Generalizado Problemático da Internet 2* e o *Inventory of parente and peer attachment* (IPPA), ambos validados para a população portuguesa. Os resultados demonstraram que os adolescentes que fazem uma maior utilização problemática da *internet*, revelam menor Comunicação e Proximidade Afetiva, Aceitação e Compreensão na vinculação com os pais, revelando, por isso, um maior afastamento dos mesmos. Foram encontradas outras relações com variáveis sociodemográficas como: nível socioeconómico, sexo e idade dos adolescentes. Estes resultados vêm contribuir para a investigação nesta área, que é escassa, ajudando a refletir sobre as implicações que uma utilização problemática da *internet* pode ter na qualidade dos relacionamentos dos adolescentes, neste caso, com os pais.

**Palavras-chave:** *internet*; adolescentes; vinculação; relações pais e filhos

### **Abstract**

With the emergence of the internet and the constant increase in its use and users, in greater numbers among the adolescent population, it is possible that relationships between parents and children have changed. In this sense, the present investigation aims to analyze the relationship between the perception of problematic internet use and attachment to parents. A non-random convenience sample of 307 adolescents (52.1% female) aged between 12 and 18 years old ( $M=14.25$ ,  $SD=1.71$ ) was used. A protocol was administered that included the following instruments: Sociodemographic questionnaire, Scale of Generalized Problematic Internet Use 2 and the Inventory of relative and peer attachment (IPPA), both validated for the Portuguese population. The results demonstrated that adolescents who make greater problematic use of the internet, reveal less Communication and Affective Closeness, Acceptance and Understanding in their connection with their parents, therefore revealing a greater distance from them. Other relationships were found with sociodemographic variables such as: socioeconomic level, sex and age of adolescents. These results contribute to research in this area, which is scarce, helping to reflect on the implications that problematic use of the internet can have on the quality of adolescents' relationships, in this case, with their parents.

**Keywords:** internet; teenagers; binding; parent and child relationships

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I: <i>Internet</i>	
1.1 Definição e Evolução .....	2
1.2 Dados estatísticos em Portugal da utilização da <i>Internet</i> .....	3
1.3 Riscos e benefícios da utilização da <i>Internet</i> .....	4
1.4 Utilizadores adolescentes da <i>Internet</i> .....	5
Capítulo II: Relação entre pais e filhos	
2.1 Importância da vinculação no estabelecimento da relação entre pais e filhos. .....	6
2.2 Relação entre pais e filhos na adolescência .....	9
Capítulo III: Utilização da <i>Internet</i> por parte dos adolescentes e a relação entre pais e filhos	
3.1 Estudos sobre a utilização da <i>Internet</i> por parte dos adolescentes e a vinculação entre pais e filhos .....	11
Capítulo IV: Estudo empírico	
4.1 Desenho do Estudo .....	13
4.2 Objetivos do Estudo .....	13
4.3 Hipóteses e Questões de Investigação .....	14
4.4 Participantes e Amostra .....	18
4.5 Instrumentos .....	18
4.5.1 Questionário sociodemográfico .....	18
4.5.2 Escala do Uso Generalizado Problemático da <i>Internet</i> 2 (EUGPI2) ...	18
4.5.3 <i>Inventory of parent and peer attachment</i> (IPPA) .....	19
4.6 Procedimentos de recolha e análise de dados .....	19
5. Resultados .....	21
6. Discussão dos Resultados.....	25
Conclusão .....	29

Referências bibliográficas .....	31
----------------------------------	----

#### Anexos

Anexo I- Cronograma .....	41
---------------------------	----

Anexo II- Escala Uso Generalizado Problemático da Internet 2- EUGPI2 .....	43
--	----

Anexo III- IPPA- <i>Inventory of parent and peer attachment</i> .....	46
---	----

Anexo IV- Caracterização Sociodemográfica dos pais dos participantes .....	49
--	----

## Introdução

O presente projeto de dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação tem como título “Utilização problemática da *internet* por parte dos adolescentes: relação com a vinculação percebida aos pais”. No âmbito desta dissertação, procura-se refletir sobre percepção dos adolescentes sobre a influência que a utilização problemática da *internet* pode ter na vinculação estabelecida com os pais. Centrar-nos-emos numa geração que convive com esta realidade desde o seu nascimento, nomeadamente os adolescentes.

A *internet* encontra-se disseminada na vida de alguns adolescentes e das suas famílias, assumindo um estatuto não só de influenciadora, mas também de indicadora de mudanças. Assim, transforma-se numa forma de expressão não só de um dos muitos modos de vida do adolescente contemporâneo, mas também das relações de poder entre esses adolescentes e seus pais. (Souza & Schnitman, 2021).

Em 2020, 84.5% dos agregados familiares tiveram acesso à *internet* em casa (mais 3.6 pontos percentuais do que em 2019) (INE, 2020).

O acesso à *internet* permite que crianças e adolescentes entrem em contato com todo o tipo de conteúdo, sem que seja possível um controle parental; deixando os pais de ter controlo sobre as influências que o filho receberá. Tendo acesso à variada informação que pode ser encontrada *online*, o adolescente expande as suas possibilidades na construção da sua identidade, valores e referências, não se limitando àqueles que são preconizados pela sua família (Jutkoski, 2009; Salles, 2005).

Considera-se pertinente o estudo da relação entre estas variáveis devido ao número crescente de utilizadores da *internet* em Portugal e à facilidade de acesso à mesma. Contudo, percebe-se que essas variáveis consideradas conjuntamente não são alvos de muitas pesquisas, o que reforça a relevância e necessidade de estudos sobre o assunto em Portugal.

O presente projeto encontra-se dividido em quatro capítulos. Nos três primeiros capítulos encontra-se a revisão da literatura, sendo o primeiro deles relativo à *internet* incluindo: a definição e evolução, dados estatísticos sobre a utilização da *internet* em Portugal, riscos e benefícios da utilização da *internet* e um último sobre os utilizadores adolescentes da *internet*; o segundo capítulo é referente à vinculação entre pais e filhos contemplando um subtópico sobre a importância da vinculação no estabelecimento da relação entre pais e filhos e um outro referente à relação entre pais e filhos na

adolescência, o terceiro capítulo contempla o cruzamento das duas variáveis, sendo ele relativo aos estudos sobre a utilização da *Internet* por parte dos adolescentes e a vinculação entre pais e filhos. Por fim, o quarto e último capítulo desta dissertação contempla o estudo empírico.

## Capítulo I: *Internet*

### 1.1 Definição e Evolução

A *Internet* é definida como um sistema que faz a interligação em rede às novas tecnologias, podendo ser acedida por qualquer utilizador, permitindo o acesso a diversa informação (Priberam Dicionário Online, 2022). Surgiu no decorrer da Guerra fria, na década de sessenta do século XX (em formato de *Arpa(net)*), como meio de comunicação entre computadores. É uma ferramenta que inicialmente foi concebida como um sistema de comunicação com fins militares (Fernandes, 2013). Ao longo dos anos, com a modernização dos meios tecnológicos e a sua utilização pela população em geral, transformou-se numa rede de partilha de diferentes tipos de informações, conteúdos e recursos provenientes de diversas partes do mundo, acessíveis em qualquer lugar. No formato *World Wide Web*, possibilita inovadoras funções, entre elas a comunicação social com lógicas de socialização, a partir das quais os indivíduos socializam em torno da partilha de afinidades, valores, interesses e objetivos. As relações estabelecidas deixam de ter como base apenas a socialização primária, sendo mais individualizadas e com tendência para a formação de movimentos sociais que cruzam o social e o político (Fernandes, 2013). Apesar de facilitar a sociabilização ao eliminar barreiras temporais e espaciais entre os sujeitos sociais, a *internet* traz, por outro lado, a desvantagem de isolar os cidadãos e tornar menos frequente o contacto físico (Verbeek, 2006). A partir de 2004, com o surgimento da *web 2.0*, ao contrário do que acontecia no modelo anterior, passa a ser possível não apenas de visualizar conteúdos, mas criá-los e partilhá-los. Ao formular e partilhar conhecimentos, o ator social consegue destacar-se e impor-se individualmente (Internet Live States, 2022; Zimmer, 2007).

Assim, atualmente, a *internet* assume um papel de extrema importância na sociedade, de tal maneira que modificou a forma como comunicamos, socializamos, trabalhamos, estudamos e nos entretemos; é especialmente relevante em adolescentes e jovens adultos, para as quais a literacia tecnológica é basilar para a sua atividade académica e profissional (Anderson et al., 2017).

## 1.2 Dados Estatísticos em Portugal da Utilização da *Internet*

Em Portugal, no ano de 2022, eram cerca de 5.9 milhões os utilizadores da *internet*, representando 68.8% da população total. O número de utilizadores de *internet* em Portugal aumentou quase 11 vezes nos últimos 20 anos, passando de 6.3% em 1997 para os 68.8% observados em 2022 (Markttest, 2022).

No contexto português, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) (2020) o acesso à *internet* em casa tem vindo a aumentar, encontrando-se presente em 84.5% das famílias. O telemóvel é o dispositivo preferencial para o acesso à *internet*, sendo utilizado por 82.5% das pessoas, seguindo-se o computador portátil, usado por 45.1% das pessoas, sendo que 4.6% utiliza outros equipamentos portáteis.

Quando comparados por sexos, os homens apresentam uma taxa de utilização (77.5%) mais elevada do que as mulheres (75%), embora se mantenha a tendência de aproximação entre os dois sexos (INE, 2019). Vários estudos têm abordado diferenças entre sexos em termos da utilização e dependência da *Internet* em adolescentes. Alguns confirmam que a dependência da *internet* é mais prevalente nos adolescentes do sexo masculino (Mellouli et al., 2014), que tem 50% mais probabilidade de desenvolver esta dependência (Tomaszek et al., 2019). Verifica-se que o sexo masculino utiliza a *internet* sobretudo para jogos *online* (Sasmaz et al., 2014; Valero-Solis et al., 2018), ao contrário do sexo feminino, que utiliza para a comunicação e redes sociais (Tomaszek et al., 2019). Nos rapazes, a sua elevada utilização está associada a um maior interesse por conteúdos sexuais, tecnológicos, baixa supervisão pelos pais e maior dificuldade em fazer amizades (Lee et al., 2014). As diferenças entre os sexos encontradas nestes vários estudos podem ser explicadas por fatores psicológicos (Guo et al., 2018). Nos rapazes, há maior sensação de busca pela novidade, enquanto nas raparigas existe maior tendência para o afastamento do dano (Kim et al., 2018). Por outro lado, verificam-se também diferenças entre sexos nas estratégias de *coping* utilizadas: no sexo masculino prevalece o *coping* focalizado na emoção, caracterizado por ações dirigidas ao alívio da sensação desagradável, e no sexo feminino predomina o *coping* focalizado no problema, que consiste em lidar com o problema que induz o stress (Li et al., 2019).

Em relação às faixas etárias, são os mais jovens que apresentam um maior acesso à *internet*, com predominância na faixa dos 16 aos 24 anos (99%) e, em segundo lugar a faixa dos 25 aos 34 anos (97%) (INE, 2019).

As atividades mais frequentes de utilização da *Internet* são o uso do *email*, pesquisas e redes sociais (IDC, 2020). A média de utilização das plataformas de redes

sociais pelos portugueses em Portugal no ano de 2020 encontra-se nos 96 minutos por dia, mais três minutos do que a média diária registada no ano de 2019. É nos jovens que este hábito está cada vez mais enraizado: 38,1% dos utilizadores com idades entre os 15 e os 24 anos dedicam já mais de duas horas por dia às redes sociais. A conclusão é da edição de 2020 do estudo “Os Portugueses e as Redes Sociais”, produzido pela *Marktest*, que indica que o tempo médio despendido pelos jovens nas redes sociais (135 minutos) já se aproxima do dobro do registado pelos utilizadores com mais de 45 anos (75 minutos). São também os utilizadores da classe média aqueles que mais tempo passam nas redes sociais: estão quase mais uma hora ligados às redes do que os utilizadores das classes mais baixas (Marktest, 2020).

### **1.3.Riscos e Benefícios da Utilização da *Internet***

De acordo com o relatório da *Internet Society* (2014), a nível mundial existe um aumento crescente do uso de dispositivos portáteis ligados à *internet* e do número de utilizadores da *internet*. Este aumento do uso da tecnologia poderá ter um impacto na forma como os indivíduos organizam as suas rotinas diárias, tal como se verifica também no PORDATA (2019). Outros autores (e.g., Griffiths, 2015) mencionam que o uso excessivo da *internet* consiste na interação entre diferentes fatores biológicos, psicológicos, sociais e da atividade *online* realizada. Ainda que o uso da tecnologia possa ser benéfico, de forma geral, a todos os níveis, o seu uso excessivo traz consequências negativas para a vida do indivíduo a nível académico/laboral, social, familiar e pessoal (Boubeta et al., 2015). Apesar dos possíveis riscos para a saúde a *internet* oferece múltiplos benefícios e, como tal, não deve ser vista como um dispositivo totalmente negativo para a sociedade. Por um lado, a *internet* pode ser uma atividade compensatória, principalmente para indivíduos com dificuldades de relacionamento interpessoal ou prazer insuficiente com a vida diária (Disney et al., 1999), podendo promover uma sensação de controlo, de capacidade interativa ou de liberdade de expressão que, sendo menos acessíveis na vida real, funcionam como incentivos para a sua utilização (Yen et al., 2007). A *internet* possibilita uma comunicação mais rápida, com carácter interativo e é um grande apoio para a aprendizagem (Spizzirri et al., 2012); tornou-se importante para o contexto social, para os mais velhos, pois influencia o seu bem-estar, melhorando a satisfação com a vida e o seu bem-estar psicológico (Heo et al., 2015); relativamente aos estudantes universitários, estes podem obter diversos benefícios para fins educacionais (Rayan et

al., 2017); a *internet* pode ser vista como um meio importante para aumentar a satisfação com a vida entre grupos sociais mais frágeis - pessoas com baixo nível económico (Lissitsa & Chachashvili, 2016); pode ser usada como um meio para aumentar o apoio social percebido (e.g., *Facebook*), o que por sua vez diminui os níveis de stress e aumenta o bem-estar psicológico.

Por outro lado, o ambiente anónimo do mundo cibernético, pode levar a efeitos psicológicos de desinibição *online* (Kim, 2013). O uso da *internet*, para fins lúdicos ou sociais, pode dar origem a problemas como o *sexting* (envio ou receção de mensagens de texto ou imagens de cariz sexual), o *cyberbullying* (uso da *internet* com o objetivo de assédio indireto e anónimo dirigido a outro indivíduo), ou a adição a videojogos, com consequências negativas a nível académico, social ou mesmo emocional (Moreno-Guerrero et al., 2019).

Uma outra consequência do uso excessivo da *internet* é o encorajamento do sedentarismo, perdendo o utilizador a noção do tempo (Bozkurt et al., 2018) bem como o consumo de uma grande quantidade de tempo, que pode resultar na negligência de outras atividades recreativas.

Os autores dividem-se em relação ao impacto e consequências desta utilização generalizada da *internet* e redes sociais. Assunção e Matos (2014) mostraram que existe um impacto positivo ao nível da interação social, permitindo a comunicação com outros e com o mundo. Por outro lado, Kraut e colaboradores (1998) sugerem que há essencialmente consequências negativas, uma vez que os seus utilizadores são retirados de situações sociais genuínas.

Tendo em conta o grande número de utilizadores de *internet* adolescentes, considera-se importante compreender melhor este período e os seus desafios, que passaremos a expor no ponto seguinte.

#### **1.4. Utilizadores adolescentes da *Internet***

A palavra adolescência vem do latim “*adolescere*”, que significa “fazer-se homem/mulher” ou “crescer na maturidade” (Muuss, 1976), sendo que só a partir do final do século XIX é que a mesma foi encarada como uma etapa distinta do desenvolvimento (Ferreira & Nelas, 2016). Esta revela-se como um período particularmente crítico no desenvolvimento, nomeadamente devido a mudanças ao nível neurodesenvolvimental e socioemocional, com consequências em termos de regulação comportamental e emocional (Steinberg, 2005). Esta transição revela-se particularmente

desafiante, nomeadamente devido a tarefas desenvolvimentais de individuação e de construção de identidade, informadas por um pensamento representacional mais complexo, bem como por uma maior capacidade de abstração e de tomada de perspectiva do outro (Moretti et al., 2018). No entanto, estas mudanças desenvolvimentais também poderão ser acompanhadas por problemas emocionais e comportamentais (Ozturk et al., 2019).

Zimerman (1999) e Calligaris (2011), afirmam que a adolescência é marcada por mudanças de ordem biopsicossocial, caracterizada por ruturas e aprendizagens, ritos de passagens e busca por pertença a algum grupo fora do âmbito familiar.

Assim, a adolescência é entendida como uma fase da vida humana na qual os atores sociais tendem a formar (sub)culturas onde partilham e experienciam novos comportamentos e realidades (Almeida et al., 2013).

## **Capítulo II- Relações entre pais e filhos**

### **2.1.Importância da vinculação no estabelecimento da relação entre pais e filhos**

A vinculação é definida como um laço emocional duradouro que o indivíduo cria com pessoas significativas, como por exemplo a família, os amigos, os pares e/ou outros, e tem sido considerada um fator importante na saúde, quer seja a nível social como psicológico (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). O conceito de vinculação, segundo Bowlby, refere-se ao laço afectivo entre a criança e o(s) seu(s) cuidador(es) – normalmente com a mãe (Schneider & Younger, 1996).

Partindo do pressuposto que a primeira figura de vinculação do bebé é a mãe biológica (Bowlby, 2008), a vinculação materna é uma relação que se vai estabelecendo de forma gradual, que envolve um conjunto de emoções únicas e específicas, com tendência duradoura, e que implica um processo de adaptação mútua e ativa entre a mãe e o bebé (Figueiredo, 2003). Segundo Ainsworth (1969), o tipo de relação entre mãe - bebé é caracterizado por três termos: a ligação ao objeto, a dependência e a vinculação. O objeto diz respeito ao agente com o qual o recém-nascido estabelece a primeira interação; a dependência caracteriza a relação do bebé com a mãe, isto é, como a mãe desempenha o seu papel no que respeita ao cuidado materno e a forma como interage com o seu filho, e por fim, a vinculação representa o laço afetivo criado com uma figura específica e que tende a ser duradouro (Ainsworth, 1969).

Ryan e Lynch (1989) referem que a vinculação não deve ser vista unicamente como um estado simbiótico, mas também aquele que permite a autonomia e o suporte emocional. Desta relação, o bebé vê na figura de vinculação uma fonte de conforto e afirmação, para enfrentar desafios e ameaças vindas do exterior, e revela aflição quando é separado involuntariamente do seu “porto seguro” (Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson, 2008).

Para Bowlby (2008), a vinculação não é uma característica da criança ou dos pais, mas da relação. É importante deixar claro que, a criança ao longo do seu desenvolvimento irá estabelecer outras relações, experienciar outras vivências, que irão contribuir para o seu crescimento individual e terão como base o modelo da vinculação estabelecido com os pais (Bowlby, 1998; Hazan & Shaver, 1994). Por isso, alguns autores defendem que, a sensibilidade dos pais em relação às necessidades da criança é um dos principais determinantes no desenvolvimento da qualidade da vinculação (segura ou insegura), devido ao seu impacto no desenvolvimento da personalidade, bem-estar emocional e mental assim como no futuro social (Bowlby, 2008; Bretherton, 1992; Fuertes, Santos, Beeghly & Tronick, 2006).

Muito cedo, através de investigações realizadas por diversos autores, nos anos 1940 e 1950, existe a ideia da necessidade fundamental da construção da relação significativa (Machado, 2009). Harlow (1958), numa das suas *publicações The Nature of Love*, referia que: “As respostas iniciais de amor, entre os seres humanos, são as do bebé para com a sua mãe, ou mãe substituta. Formando-se a partir desta vinculação de natureza íntima, por aprendizagem e generalização, múltiplas respostas afetivas.” Verificou-se alguma controvérsia entre as várias opiniões, partilhadas por diversos autores, em relação à natureza do amor (ou criação do vínculo) pela figura materna. Winnicot, por exemplo, afirma que uma das “formas mais básicas de amor” e origem dos laços mãe – bebé, é o afeto físico (Ainsworth, 1969). Um dos estudos mais conhecidos que confirma este facto é o estudo de Harry Harlow. O seu objetivo foi verificar o comportamento de vinculação nos macacos, onde concluiu que o vínculo era construído a partir da procura de conforto e não de alimento (Bowlby, 1997). Também Bowlby defendia esta ideia quando assumia que as crianças já nasciam com uma pré-disposição em criar uma relação de proximidade com um cuidador, revelando-se a variável mais importante na vinculação (Hughes, Blom, Rohner & Britner, 2005), do que propriamente a satisfação pela alimentação.

Surge assim, a teoria da vinculação. A teoria da vinculação baseia-se nas relações de vinculação e representações que ocorrem ao longo da vida (Bowlby, 1997; Simões, Farate & Pocinho, 2011; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 2010). O seu foco incide principalmente nas relações e experiências durante a infância e o impacto que exercem no desenvolvimento emocional e na saúde mental da criança à medida que vai crescendo (Bowlby, 2008; Machado, 2007; Pontes et al., 2007). Mary Ainsworth, com os seus trabalhos exploratórios a nível das diferenças individuais na qualidade da interação entre a mãe e a criança, veio reformular a teoria da vinculação (Bretherton, 1992). Direcionou o seu interesse para a segurança de vinculação da criança e para a sensibilidade materna em relação aos sinais do bebé, assim como o seu papel no desenvolvimento dos padrões de vinculação (Bowlby, 1997; Bretherton, 1992). As suas conclusões pressupõem que a segurança da vinculação mãe - bebé está relacionada à forma como a criança reage à presença, após um determinado período de ausência, da mãe. Tendo verificado diferentes reações, determinou padrões de vinculação. O padrão B (vinculação segura), o padrão A (vinculação insegura ansiosa e evitante) e o padrão C (vinculação insegura ansiosa e resistente) (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1997). Os padrões de vinculação (seguro e inseguro) distinguem-se pelas diferenças nas “particularidades na forma de gerir a distância/proximidade face à necessidade de recorrer à figura de vinculação” (Machado, 2007, p.9). O padrão seguro é caracterizado pela autonomia da criança na exploração do meio, com satisfação, e pela confiança e segurança que demonstra perante os obstáculos (Bowlby, 1997; Bretherton, 1992; Fuertes, 2012; Weinfield et al., 2008). Relativamente ao padrão de vinculação insegura, a criança não se sente confiante e segura para explorar o meio revelando sinais de ansiedade e receio (Bowlby, 1997; Weinfield et al., 2008). Dentro do padrão inseguro, Ainsworth estabeleceu diferenças – o padrão A e C, respetivamente; sendo o padrão inseguro ansioso evitante caracterizado pelo evitar/ignorar a figura de vinculação, enquanto no inseguro ansioso resistente/ambivalente, a criança apresenta comportamentos que oscilam entre a proximidade e evitamento da figura de vinculação (Bowlby, 1997; Fuertes, 2012; Machado, 2009).

Na sequência dos diversos estudos acerca dos padrões de vinculação e observações em campo, foi estabelecido um quarto padrão - D. Foi designado por Main e Solomon como padrão desorganizado/desorientado (Fuertes, 2012). Este padrão traduz um estilo de vinculação que se caracteriza por um conjunto de comportamentos contraditórios perante a figura de vinculação, sejam eles de natureza desorganizada ou

que refletem episódios de desorientação (Weinfield et al., 2008). A vinculação é uma característica da relação que se constrói entre a criança e as figuras parentais. Relação que, desenvolvida num ambiente seguro ou inseguro, vai influenciar o crescimento da criança - percepções, comportamentos, futuras relações, entre outras componentes desenvolvimentais. E, é a partir da percepção dessa relação estabelecida e do meio envolvente que se constroem as representações internas da criança (Booth et al., 1998).

No ponto seguinte, será dada primazia á etapa da adolescência, mais especificamente aos desafios da relação entre pais e filhos nesta mesma etapa.

## **2.2 Relação entre pais e filhos na adolescência**

A entrada na adolescência é uma etapa de emoções intensas, na qual o sujeito procura a consolidação da sua própria identidade. Uma das primeiras demonstrações deste processo é o afastamento da família de origem e um maior envolvimento com o grupo de pares. Por vários motivos, este afastamento das figuras parentais pode tomar a forma de oposição, desta forma a comunicação entre pais e filhos torna-se fundamental para potencializar e auxiliar o estabelecimento de relações satisfatórias e saudáveis (Wagner et al., 2002).

Em geral, a comunicação entre pais e filhos, e todas as formas de interação no seio de uma família, são determinadas pelas características individuais, mas também pela organização particular. Neste sentido, a comunicação intrafamiliar é sempre um fenómeno específico em cada família e tende a evoluir, na medida em que se vão modificando as características das suas componentes e do sistema familiar. O adolescente precisa de se sentir apoiado pelos seus pais em relação às suas preocupações e inquietações, o que o vai ajudar a ultrapassar a transição para a vida adulta e ter repercussões positivas sobre o seu nível de ajuste pessoal e social (Mendonza et al., 2006). A comunicação entre pais e filhos indica como se caracteriza o diálogo na interação. A comunicação positiva inclui expressão de opiniões, consideração das preferências dos filhos, incentivo a falar sobre problemas, disponibilidade para ouvir os filhos com atenção e empatia. Por outro lado, a comunicação negativa pode incluir tanto a ausência de diálogo quanto a presença de uma comunicação aversiva. A ausência de diálogo caracteriza-se pela falta de uma comunicação positiva descrita anteriormente, enquanto a presença de comunicação aversiva pode evidenciar-se tanto no conteúdo como na forma de expressão, nomeadamente, em ameaças, insultos, gritos e humilhações (Weber et al., 2008).

Duvall (1971, *cit in* Relvas, 2004) estabeleceu oito estádios para o ciclo vital, no qual um desses estádios é o da família com adolescentes, definido como o período entre os 13 e os 18 anos do filho. Neste estágio torna-se central, para o sistema, a facilitação do equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade do filho adolescente, partilhando esta tarefa com o meio envolvente (com a escola e outras instituições envolvidas) e estabelecendo interesses e objetivos pós-parentais. Neste sentido, a etapa da adolescência não é apenas uma fase desenvolvimental que diz respeito ao adolescente, mas que influencia toda a família (Relvas, 2004). É importante que da parte da família haja um entendimento e respeito pelos sentimentos, valores, atitudes e comportamentos do adolescente, igual ao respeito que têm pelos mesmos aspetos nos adultos. Quando entram nesta fase, os adolescentes requerem coerência e sinceridade, e a família passa a ter um papel decisivo na autonomia e na preparação para a assunção de papéis sociais, relacionais, afetivos e laborais distintos daqueles a que o adolescente estava habituado. Estas tarefas exigem da parte da família, uma permeabilidade à individualidade dos seus elementos, sem nunca colocar em causa a totalidade do sistema (Alarcão, 2002; Relvas, 2004).

Durante a adolescência, para além das fronteiras do sistema familiar sofrerem um aumento na sua flexibilização face ao exterior e verifica-se que na família as relações entre pais e filhos/as sofrem transformações, nomeadamente: a modificação gradual da relação vertical entre pais e filho/a para uma relação cada vez mais simétrica (Mota e Rocha, 2012). Observa-se também que pais e filhos/as passam menos tempo juntos e realizam um menor número de atividades em conjunto (Alarcão, 2006). Neste sentido, a interação entre pais e adolescente pode caracterizar-se por uma pobre comunicação e uma expressão emocional negativa sendo resultado da importância que o grupo de pares adquire para o/a adolescente (Rodríguez & López 1999). Esta situação leva a que os pais se sintam como figuras de vinculação de “reserva” ao serem menos solicitados, sentindo-se menos úteis, menos obedecidos e podendo perder alguma autoridade (Alarcão, 2006). Na realidade, o grupo de pares revela-se um grupo exterior à família significativo para o/a adolescente por ser concetualizado como um suporte instrumental e emocional que proporciona a oportunidade de construir e manter as amizades (Kirchler, Palmonari & Pombeni, 1993).

Atualmente, com a utilização das redes sociais, os adolescentes encontram nos meios de comunicação eletrónicos um espaço de associação e partilha de ideias parecidas. As redes sociais exibem padrões de beleza, comportamento, consumo e redes

de “amigos virtuais” que estimulam a busca pela pressa e velocidade; esses fatores não ajudam no processo de maturação, que requer mais tempo. Estes podem não conseguir estabilizar vínculos com os seus pais, educadores e com os seus próprios amigos, por se verificar uma mudança constante e rápida de valores e interesses (Cestani, 2016; Lipp, 2014; Neufeld, 2017).

Concomitantemente às mudanças que ocorrem na vida dos adolescentes, também há mudanças que ocorrem na vida dos pais durante este período, com a preparação da saída dos filhos de casa, tornando-se necessário um retorno aos aspetos da vida conjugal e profissional. Esta é também uma etapa que para os pais traz algumas alterações, nomeadamente ao nível do aumento da exigência profissional, a preocupação com as gerações mais velhas, que se encontram numa fase de vida mais avançada, e também pela preparação para a fase seguinte do ciclo familiar (Fonseca, 2004). Enquanto os pais procuram lidar com os desafios da sua fase de vida, vêm-se a braços com a tarefa de lidar com a adolescência (Santos et al., 2011), caracterizada, por mudanças físicas e transformações emocionais e intelectuais que implicam novos desafios e dificuldades para os pais (Abramo & León, 2005). Estas transformações que se dão no adolescente provocam invariavelmente uma transformação nos pais e, conseqüentemente, na interação familiar, devido à necessidade de autonomia do adolescente e pela sua individuação que permitem a preparação para a vida adulta (Neves, 2011).

### **Capítulo III- Utilização da *Internet* por parte dos adolescentes e a vinculação entre pais e filhos**

#### **3.1 Estudos sobre a utilização da *internet* por parte dos adolescentes e a vinculação entre pais e filhos**

Libâneo (2010) afirma que as estruturas de relacionamento social e familiar foram reconstruídas a partir da difusão da *internet* na vida das pessoas. A apropriação das novas tecnologias digitais móveis acontece cada vez mais rápido no quotidiano, correspondendo aos desejos, motivações e interesses, principalmente dos jovens, impactando nas relações familiares, trazendo um novo significado ao vínculo afetivo. A *internet*, e mais especificamente as suas redes sociais virtuais, comprometem significativamente a cumplicidade e diálogo familiar, escondendo as dificuldades de relacionamento, principalmente entre pais e filhos e entre casais. Hábitos familiares, como o diálogo à mesa durante as refeições, começam a perder-se, dando lugar às relações virtualizadas (Libâneo, 2010).

Estudos têm mostrado que a introdução do computador e da *internet* na vida familiar tem afetado a proximidade entre os membros familiares e criado conflitos que afetam a qualidade das relações entre pais e adolescentes (Mesh, 2003,2006). No entanto, outras investigações (Kraut et al., 2002; Wellman et al., 2001) têm evidenciado uma relação positiva entre a frequência do uso da *internet* e a qualidade de tempo que os pais e os adolescentes partilham, sugerindo que esta tecnologia se tem tornado outra atividade familiar e uma nova oportunidade para pais e filhos passarem tempo juntos .

Mesh (2003) verificou uma relação negativa entre o tempo médio que um adolescente passa na *internet* e a proximidade com os pais. Uma possível explicação para este resultado é que um elevado uso da *internet* pelos adolescentes gera conflitos intergeracionais relativos à privacidade, tempo de utilização do computador e falhas nas expectativas. No entanto, quando a *internet* é utilizada para efeitos de aprendizagem, como a preparação dos trabalhos de casa, o seu uso está positivamente relacionado com a perceção da proximidade aos pais, concluindo-se que este tipo de uso da *internet* é valorizado pelos pais. Neste caso, a qualidade da relação entre os pais e o adolescente aumenta, independentemente do tempo *online*.

Um outro estudo de Mesh (2006) demonstrou que as famílias em que o adolescente é considerado o perito na *internet* apresentam maior probabilidade de relatar conflitos intergeracionais.

O mesmo autor (Mesh, 2006), verificou noutro estudo que uma elevada frequência de utilização da *internet* pelos adolescentes está associada a uma diminuição da coesão familiar. No entanto, existe a possibilidade de o uso da *internet* poder ter efeitos positivos na coesão familiar, já que pode ser utilizada noutros contextos familiares, para fortalecer as fronteiras da família e para criar memórias que ajudem a desenvolver uma identidade coletiva. Esta investigação revelou ainda que a utilização da *internet* para propósitos sociais, nomeadamente jogos *online*, comunicação com amigos, e participação em grupos de discussão, está relacionada positivamente com conflitos familiares. Segundo Mesh (2006), este tipo de utilização torna disponível a informação familiar a outros que não são membros da família, o que os pais consideram como uma ameaça, ao expor os adolescentes a situações perigosas, incluindo o assédio sexual e a vitimização (Livingstone & Bober, 2004).

Outros estudos (Kraut et al., 2002; Wellman et al., 2001) verificaram que a utilização da *internet* leva a um aumento dos contactos sociais próximos e distantes e da

comunicação com a família e os amigos, sugerindo que a *internet* é bastante útil para manter contacto entre amigos e familiares afastados geograficamente.

Salienta-se ainda um estudo realizado por Köhler (2011), que tinha como objetivo perceber a influência da *internet* e dos avanços tecnológicos nas relações familiares, concluiu que quanto à maioria dos participantes (60%) considera que a *internet* não influencia as relações afetivas.

## **Capítulo IV: Estudo empírico**

Neste capítulo, tendo em atenção os objetivos e as características deste trabalho, menciona-se a metodologia utilizada ao longo do estudo. Apresentando-se uma descrição sistemática do processo de investigação implementado para a realização do estudo. A seguir, damos a conhecer o desenho do estudo para a elaboração desta investigação, os objetivos, a amostra, os instrumentos e, posteriormente, a forma de recolha e tratamento da informação.

### **4.1 Desenho do Estudo**

O presente estudo é um estudo exploratório, descritivo, transversal, correlacional e de natureza quantitativa. É exploratório porque não há um grande conhecimento sobre o tema que se pretende estudar, desta forma através deste estudo pretende-se alargar o conhecimento sobre esta mesma temática (Raupp & Beuren, 2006). É descritivo, porque o foco é observar, registar, organizar os factos, nos quais o investigador não interfere (Andrade, 2002, citado por Raupp & Beuren, 2006). É correlacional porque tem como objetivo explorar as relações entre as variáveis em estudo. É transversal porque a recolha de informação se realizou num momento apenas. É de natureza quantitativa por se recolherem dados observáveis e qualificáveis (Fortin, Côté & Filion, 2009).

### **4.2 Objetivos do Estudo**

No presente estudo, o objetivo geral é perceber se há uma relação entre a utilização problemática da *internet* e a perceção da vinculação aos pais em adolescentes.

Em termos de objetivos específicos definiram-se os seguintes:

I- Caracterizar a amostra em termos da utilização problemática da *internet* (contemplando: a preferência pela interação *online*, a autorregulação deficiente, a regulação de humor, o uso compulsivo da *internet* e de preocupação cognitiva e as consequências negativas da utilização da *internet*) e em termos da vinculação com os

pais (contemplando, as dimensões cognitivo-afetivas da vinculação dos adolescentes ou jovens adultos relativamente aos pais);

II-Verificar se o tipo de utilização da *internet* por parte dos adolescentes varia em função das características sociodemográficas (sexo, idade, ano de escolaridade e nível socioeconómico (alto, médio, baixo));

III-Verificar se o tipo de vinculação estabelecida com os pais varia em função das variáveis sociodemográficas (sexo, idade, ano de escolaridade e nível socioeconómico (alto, médio, baixo));

### **4.3 Hipóteses e Questões de Investigação**

Ancorados nos objetivos definidos, formularam-se as seguintes hipóteses e questões de investigação:

H1- Existe uma relação entre a utilização problemática da *internet* por parte dos adolescentes e a vinculação estabelecida com os pais (Mesh,2006; Mesh,2003; Kraut et al.,1998; Wellman et al., 2001);

H2- O número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes varia em função do nível socioeconómico da família nuclear dos pais (Marktest,2020);

H3- Os conteúdos acedidos na *internet* pelos adolescentes variam em função do sexo (Sazmaz et al.,2014; Valero-Solis et al.,2018);

Tendo em conta os objetivos, formularam-se ainda as seguintes questões de investigação:

Q1-A vinculação aos pais varia em função do nível socioeconómico?

Q2-A vinculação aos pais varia em função do sexo dos filhos?

Q3- A vinculação aos pais varia em função da idade dos filhos?

Q4-Há uma relação entre o número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes e o ano de escolaridade que frequentam?

Q5- O número de horas despendidas na *internet* está relacionado com a idade dos pais?

### **4.4 Participantes e Amostra**

A amostra utilizada é do tipo não aleatória de conveniência e incluiu cerca de 307 adolescentes entre os 12 e os 18 anos de um Agrupamento de Escolas do Distrito de Braga. A amostragem não aleatória ou não probabilística não dá a todos os elementos da população a mesma possibilidade de serem escolhidos para formar a amostra. A amostra

de conveniência é constituída por indivíduos de fácil acesso e que correspondem a critérios de inclusão específicos, neste caso serem adolescentes entre os 12 e os 18 anos de idade (Fortin, Côté & Filion, 2009).

Do total de participantes, 52.1% ( $n=160$ ) são do sexo feminino, encontrando-se a amostra equilibrada em termos de sexo. Apresentando idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ( $M=14.25$ ,  $DP=1.71$ ). No que diz respeito ao ano de escolaridade, a maioria dos participantes frequentava o 7º ano de escolaridade ( $n=75$ , 24.4%). A maioria dos participantes relatou que o seu agregado familiar tem um nível socioeconómico médio ( $n=250$ , 81.4%) (Tabela 1).

**Tabela 1.***Caracterização Sociodemográfica da amostra (N=307)*

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>M (DP)</b>
<b>Sexo</b>			
Masculino	147	47.9	
Feminino	160	52.1	
<b>Idade</b>			
			14.25 (1.71)
12	56	18.2	
13	65	21.2	
14	63	20.5	
15	37	12.1	
16	51	16.6	
17	26	8.5	
18	9	2.9	
<b>Ano de Escolaridade</b>			
7ºano	75	24.4	
8º ano	69	22.5	
9º ano	63	20.5	
10º ano	25	8.1	
11º ano	49	16.0	
12º ano	26	8.5	
<b>Nível Socioeconómico do Agregado Familiar</b>			
Alto	34	11.1	
Médio	250	81.4	
Baixo	23	7.5	

No que diz respeito á idade dos pais dos participantes, estas situam-se entre os 27 e os 83 anos ( $M=45.92$ ,  $DP=7.61$ ). As idades das mães dos participantes, situam-se entre os 28 e os 60 anos ( $M=43.28$ ,  $DP= 6,01$ ). Relativamente às habilitações literárias, 43.3% ( $n=133$ ) dos pais e 36.8% ( $n=113$ ) das mães, têm até ao 9º ano. No que diz

respeito á situação profissional a quase totalidade dos pais dos participantes ( $n=284$ , 92.5%) e 82.7% ( $n=254$ ) das mães encontram-se empregados (Anexo IV).

No que diz respeito ao número de horas passadas na *internet* por dia a maioria dos participantes, ( $n=122$ , 39.7%), afirma passar entre duas a três horas na *internet*. Mais de metade da amostra, afirma passar mais de dez horas na *internet* por semana, ( $n=183$ , 59.6%). Relativamente aos conteúdos mais acedidos pelos participantes *online*, a maioria afirma que os conteúdos a que mais acede são as redes sociais, 56.4% ( $n=173$ , 56.4%) (Tabela 3).

**Tabela 2.**

*Caracterização de variáveis relativas á utilização da internet*

<b>Número de horas passadas na internet por dia</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
1 hora ou menos	24	7,8
De 2 a 3 horas	122	39.7
De 4 a 5 horas	81	26.4
Mais de 5 horas	80	26.1
<b>Número de horas passadas na internet por semana</b>		
Menos de 1 hora	5	1.6
De 1 a 2 horas	6	2
De 2 a 3 horas	9	2,9
De 4 a 5 horas	20	6.5
De 5 a 6 horas	28	9.1
De 6 a 7 horas	56	18.2
10 ou mais horas	183	59.6
<b>Conteúdo mais acedidos online</b>		
Redes Sociais	173	56.4
Streaming de Vídeos	32	10.4
Plataformas Streaming	22	7.2
Jogos online	60	19.5
Serviços de Mensagem	8	2.6
Outros	11	3.6

## 4.5 Instrumentos

O instrumento da pesquisa deve permitir recolher a informação válida e pertinente à realização do estudo. Neste sentido, recorreremos aos seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Escala do Uso Generalizado Problemático da *Internet 2* (EUGPI2; Caplan, 2010) na validação portuguesa de Pontes, Caplan e Griffiths (2016) (Anexo II) e o *Inventory of parent and peer attachment* (IPPA) (Armsden & Greenberg, 1987) na validação portuguesa feita por Machado & Oliveira, em 2007 (Anexo III).

### 4.5.1 Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi elaborado com o propósito de caracterizar a amostra, recolhendo informação sobre as seguintes variáveis: sexo, idade, ano de escolaridade, número de horas despendidas por dia na *internet* e tipo de conteúdos acedidos na *internet*.

### 4.5.2 Escala do Uso Generalizado Problemático da *Internet 2* (EUGPI2)

A utilização da *internet* por parte dos adolescentes será avaliada através da Escala do Uso Generalizado Problemático da *Internet 2* (EUGPI2; Caplan, 2010) na validação para a população portuguesa por Pontes, Caplan e Griffiths (2016). Esta escala é constituída por cinco subescalas na versão original e por quatro subescalas na adaptada: preferência pela interação social *online* (itens: 1, 6 e 11) com um alfa de *Cronbach* de .80; regulação do humor (itens: 2, 7 e 12) com um alfa de *Cronbach* de .84; autorregulação deficiente (itens: 3, 4, 8, 9, 13 e 14) com um alfa de *Cronbach* de .86, que abrangeu as dimensões de uso compulsivo da *internet* e de preocupação cognitiva da escala original; e consequências negativas (itens: 5, 10 e 15) com um alfa de *Cronbach* de .78.

É pedido aos participantes que avaliem em que medida concordam ou discordam de cada uma das afirmações, considerando apenas o uso da *internet* por lazer, tanto no computador como em qualquer outro tipo dispositivo com acesso à *internet*. A resposta é fornecida numa escala de *likert* de sete pontos, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 7 a “concordo totalmente”. A pontuação total da escala pode ser obtida através da soma da pontuação dos 15 itens, podendo variar entre 15 e 105, sendo que as pontuações mais elevadas indicam uma maior intensidade de cognições, de comportamentos e de consequências negativas do uso problemático generalizado da *internet*. Esta escala tem demonstrado boas características psicométricas (Caplan, 2010;

Pontes et al., 2016). O alfa de *Cronbach* global obtido no estudo original foi de .91. No que diz respeito ao presente estudo o alfa de *Cronbach* obtido foi de .88.

#### **4.5.3 Inventory of parent and peer attachment (IPPA)**

O IPPA é um instrumento psicométrico de autorrelato, desenvolvido por Armsden & Greenberg (1987). Machado e Oliveira, em 2007 validaram as escalas para a população portuguesa. Este instrumento de autoavaliação é constituído por três escalas de 25 itens. Cada escala avalia dimensões cognitivo-afetivas da vinculação dos adolescentes ou jovens adultos relativamente aos pais, professores e pares. Sendo que para este estudo apenas será utilizada a escala relativa aos pais. Cada afirmação tem cinco opções de resposta (escala *Likert*), em que 1 significa “Nunca verdade” e 5 “Sempre verdade”. A consistência interna (índice de *Cronbach*) na subescala relativa aos pais foi de .90, no estudo original e de .89 no presente estudo. No presente estudo o alfa de *Cronbach* obtido na dimensão Comunicação foi de .95, na dimensão Aceitação foi de .80 e na dimensão Afastamento foi de .73.

#### **4.6 Procedimentos de recolha e análise de dados**

O presente projeto de investigação, foi aprovado e validado previamente pela Comissão Ética da Universidade Católica Portuguesa. Ressalva-se que todos os procedimentos levados a cabo neste estudo estão de acordo com a declaração de Helsínquia (1964) e com as suas revisões posteriores.

Após a elaboração do questionário sociodemográfico, foi feito o pedido de autorização de utilização das escalas aos autores, seguindo-se o pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento. Em seguida, foi pedida autorização aos Encarregados de Educação, através de um consentimento informado que deveriam ler e assinar, neste constava a política de confidencialidade dos dados recolhidos no estudo, informando que os dados pessoais que ficaram ao cuidado dos investigadores seriam guardados confidencialmente, garantindo-se através do mesmo aos participantes que nenhuma informação que revelasse a sua identidade seria dada ou publicada sem o consentimento dos mesmos.

A recolha dos dados foi feita através da plataforma *Google forms*, onde foi criado o questionário de distribuição eletrónica que gerou um *link* automático, pelo qual os participantes tiveram acesso ao questionário sociodemográfico e às escalas. Esta é uma ferramenta que se divide em várias partes sendo que uma delas é o “formulário”,

especialmente criado para construir questionários de uma forma mais rápida e acessível a todos.

Os participantes foram convidados por *email* a responderem ao questionário sociodemográfico, à Escala do Uso Generalizado Problemático da *Internet 2* (EUGPI2; Caplan, 2010) na validação portuguesa feita por Pontes, Caplan e Griffiths (2016) e ao *Inventory of parent and peer attachment* (IPPA) (Armsden, Greenberg (1987)) na validação portuguesa feita por Machado & Oliveira, em 2007.

O preenchimento dos instrumentos, foi feito através de um *link* que continha os mesmos, cumprindo todos os procedimentos ético-legais inerentes a investigações desta natureza, agindo com rigor. A investigadora esteve presente durante a passagem dos instrumentos, que foram respondidos durante o tempo de permanência dos participantes na respetiva organização.

O tratamento e análise dos dados foi efetuado com recurso ao programa SPSS versão 28. Foram realizadas análises estatísticas descritivas com recurso à média e desvio padrão para variáveis quantitativas, frequências absolutas (*n*) e percentagens (%) para variáveis qualitativas. Relativamente à estatística inferencial, procedeu-se à realização dos testes de normalidade para as variáveis quantitativas, nomeadamente o *Kolmogorov-Smirnov*, para averiguar se estas apresentavam uma distribuição normal, pressuposto que deve estar cumprido para a realização de testes paramétricos. Nem todas as variáveis apresentavam distribuição normal (nomeadamente a vinculação aos pais, também em função do nível socioeconómico e do sexo), pelo que nestes casos foram realizados os testes paramétricos e não paramétricos e, apresentando estes testes resultados semelhantes, são relatados os resultados dos testes paramétricos, conforme sugerido por Fife-Schaw (2006). Para analisar diferenças entre dois grupos (sexo) em relação a uma variável dependente quantitativa, foi utilizado o teste t para amostras independentes. A homogeneidade de variâncias foi verificada através do teste de *Levene*.

Recorreu-se à ANOVA para analisar diferenças entre três grupos (*nível socioeconómico*) em relação a uma variável dependente quantitativa (vinculação aos pais) e ao teste de *Kruskal-Wallis* quando a variável dependente era ordinal (número de horas passadas na *internet* por dia). No caso da ANOVA, foi seguida por testes post-hoc de Gabriel na presença de diferenças estatisticamente significativas, para identificar os grupos que apresentavam essas diferenças. A homogeneidade de variâncias foi verificada através do teste de *Levene*.

Para analisar a associação entre duas variáveis qualitativas nominais foi utilizado o teste de Qui-Quadrado. No entanto, uma vez que a percentagem de células com contagem esperada era superior a 20%, e nestes casos o teste não é fiável (Martins, 2011), foi reportado o resultado do Teste de *Fisher*.

Foi utilizado o Coeficiente de correlação de *Pearson* para analisar a relação entre duas variáveis quantitativas (utilização problemática da *internet* e a vinculação estabelecida com os pais).

Recorreu-se ao Coeficiente de correlação de *Spearman* para fazer a análise de correlação entre duas variáveis quantitativas, quando uma não apresentava distribuição normal (idade dos filhos, idade da mãe e do pai), ou entre uma variável quantitativa e uma ordinal (ano de escolaridade).

## 5. Resultados

Considerando as informações expostas na Tabela 3, observa-se que em relação á vinculação estabelecida com os pais, a dimensão aceitação é aquela que na amostra obteve uma pontuação mais alta considerando o valor máximo teórico de 30 ( $M=24.71$ ,  $DP=4.84$ ).

No que diz respeito á utilização problemática da *internet*, observa-se que a pontuação média obtida na amostra é ligeiramente inferior ao ponto médio teórico da escala (52.5).

### Tabela 3.

*Medidas descritivas relativas á utilização problemática da internet e a vinculação estabelecida com os pais*

	$M(DP)$	Min-Máx
Total EUGPI	48.49 (16.42)	15-105
Comunicação	44.60 (12.52)	12-60
Aceitação	24.71 (4.84)	9-30
Afastamento	18.31 (5.85)	7-35

A tabela 4, apresenta os resultados da análise de correlação entre a utilização problemática da *internet* por parte dos adolescentes e a vinculação estabelecida com os pais. Foram encontradas correlações negativas, estatisticamente significativas, entre a

utilização problemática da *internet* e a comunicação ( $r = -.16, p = .005$ ) e a aceitação ( $r = -.15, p = .007$ ), o que indica que uma maior utilização problemática da *internet* está associada a menor comunicação e aceitação. Por outro lado, verifica-se uma correlação positiva, estatisticamente significativa entre a utilização problemática da *internet* e o afastamento ( $r = .17, p = .003$ ), indicando que uma maior utilização problemática da *internet* está associada a um maior afastamento.

**Tabela 4.**

*Utilização problemática da internet e a vinculação estabelecida com os pais (N=305)*

	Utilização da <i>Internet</i>	
	<i>R</i>	<i>P</i>
IPPA Comunicação	-.16	.005
IPPA Aceitação	-.15	.007
IPPA Afastamento	.17	.003

Os resultados da análise de diferenças no número de horas passadas na *internet* por dia de acordo com o nível socioeconómico, são apresentados na tabela 5. Não se verificou diferenças estatisticamente significativas ( $p > .05$ ).

**Tabela 5.**

*Número de horas passadas na internet por dia de acordo com o nível socioeconómico (N = 307)*

	<b>Alto</b>	<b>Médio</b>	<b>Baixo</b>	<b>X<sup>2</sup> (2)</b>	<b>P</b>
	(n = 34) Posto médio	(n = 250) Posto médio	(n = 23) Posto médio		
Número de horas passadas na <i>internet</i> por dia	163.75	152.53	155.59	.540	.763

Os resultados da análise de variação entre os conteúdos acedidos na *internet* pelos adolescentes e o sexo, são apresentados na tabela 6. Foi encontrada uma variação estatisticamente significativa entre as variáveis (Teste de Fisher,  $p < .001$ ). Adolescentes do sexo feminino acedem menos aos jogos *online* (6.7%), quando comparados com o acesso aos outros conteúdos, observando-se o oposto no que diz respeito aos

adolescentes do sexo masculino, que acedem mais a jogos *online* (93.3%) do que aos outros conteúdos.

**Tabela 6.**

*Sexo e conteúdos acedidos na internet pelos adolescentes (N=295)*

	<b>Redes Sociais</b> (n=173) n (%)	<b>Streaming de Videos</b> (n = 32) n (%)	<b>Plataformas Streaming</b> (n = 22) n (%)	<b>Jogos online</b> (n = 60) n (%)	<b>Serviço Mensagens</b> (n= 8) n (%)	<b>X<sup>2</sup> (4)</b>	<b>P</b>
<b>Sexo</b>						Teste de Fisher	<.001
Feminino	110 (63.6)	24 (75.0)	13 (59.1)	4 (6.7)	5 (62.5)		
Masculino	63 (36.4)	8 (25.0)	9 (40.9)	56 (93.3)	3 (37.5)		

A Tabela 7 apresenta os resultados da análise de diferenças em termos da vinculação aos pais em função do nível socioeconómico. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas ao nível da Comunicação [ $F(2, 304) = 4.54, p = .011$ ]. Testes *post-hoc* de Gabriel revelaram diferenças estatisticamente significativas apenas entre os níveis alto e médio ( $p = .003$ ), sendo que adolescentes de famílias com um nível socioeconómico alto apresentam pontuações mais elevadas na Comunicação do que adolescentes de famílias com nível socioeconómico médio.

**Tabela 7.**

*Vinculação aos pais de acordo com o nível socioeconómico (N=307)*

	<b>Alto</b> (n = 34) M(DP)	<b>Médio</b> (n = 250) M(DP)	<b>Baixo</b> (n = 23) M(DP)	<b>F(2, 304)</b>	<b>P</b>
IPPA Comunicação	50.47 (11.88)	43.71 (12.43)	45.57 (12.46)	4.54	.011
IPPA Aceitação	25.74 (4.87)	24.54 (4.87)	25.13 (4.43)	1.01	.365
IPPA Afastamento	18.44 (6.27)	18.24 (5.77)	18.78 (6.37)	.10	.906

A Tabela 8 apresenta os resultados das análises de diferenças entre adolescentes do sexo masculino e feminino em termos da vinculação com os pais. Registam-se diferenças estatisticamente significativas apenas em termos da Aceitação [ $t(305) = -2.77, p = .006$ ], com os adolescentes do sexo masculino a apresentarem pontuações superiores quando comparados com adolescentes do sexo feminino.

**Tabela 8.**

*Vinculação aos pais de acordo com o sexo dos filhos (N=307)*

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>t(305)</b>	<b>P</b>
	(n = 160)	(n = 147)		
	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>		
IPPA Comunicação	43.34 (12.76)	45.97 (12.15)	-1.85	.066
IPPA Aceitação	23.99 (4.97)	25.50 (4.59)	-2.77	.006
IPPA Afastamento <sup>a</sup>	18.59 (6.28)	17.99 (5.35)	.90	.367

<sup>a</sup>homogeneidade de variâncias não cumprida;  $gl = 303.27$

Como pode verificar-se na Tabela 9, que apresenta os resultados das análises de variação entre a vinculação com os pais e a idade dos filhos, foi encontrada apenas uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a Comunicação e a idade dos adolescentes ( $r_s = -.13, p = .021$ ), o que indica que uma idade superior está associada com menor Comunicação com os pais.

**Tabela 9.**

*Vinculação com os pais e a idade dos filhos (N=307)*

	<b>Idade dos adolescentes</b>	
	<i>r<sub>s</sub></i>	<i>P</i>
IPPA Comunicação	-.13	.021
IPPA Aceitação	-.10	.092
IPPA Afastamento	.06	.303

A tabela 10, apresenta os resultados da análise de correlação, entre o número de horas despendidas na *internet* por dia por parte dos adolescentes e o ano de escolaridade dos mesmos, sendo que esta não foi estatisticamente significativa ( $p > .05$ ).

**Tabela 10.**

*Número de horas despendidas na internet pelos adolescentes por dia e o ano de escolaridade (N = 307)*

	Número de horas despendidas na internet por dia	
	$r_s$	$P$
Ano de Escolaridade	.11	.058

Quando analisada a correlação entre o número de horas despendidas na *internet* por dia e a idade dos pais (Tabela 11), não foram encontradas correlações estatisticamente significativas ( $p > .05$ ).

**Tabela 11.**

*Número de horas despendidas na internet e a idade da mãe e do pai (N=301 e N = 293, respectivamente)*

	Número de horas despendidas na internet por dia	
	$r_s$	$P$
Idade da mãe	.02	.708
Idade do pai	.04	.467

## 6. Discussão dos resultados

A discussão dos resultados será realizada com o enfoque nos objetivos de investigação definidos previamente e com base nos pressupostos teóricos abordados no enquadramento teórico.

Assim, e relativamente á hipótese de investigação 1 “Existe uma relação entre a utilização da problemática da *internet* por parte dos adolescentes e a vinculação estabelecida pelos pais”, esta foi confirmada, embora não para todas as dimensões da vinculação estabelecida com os pais. Deste modo, o nosso estudo revelou que os adolescentes que fazem uma maior utilização problemática da *internet*, revelam menor Comunicação e Proximidade Afetiva, Aceitação e Compreensão na vinculação com os pais, revelando, por isso, um maior afastamento dos mesmos. Este estudo corrobora os resultados obtidos nos estudos de Mesh (2003, 2006), que demonstram que a introdução

do computador e da *internet* no contexto familiar afeta a proximidade entre os membros da família, criando conflitos que afetam a qualidade das relações entre pais e adolescentes. Por outro lado, os estudos de Kraut et al. (2002) e Wellman et al. (2001), evidenciaram uma relação positiva entre a frequência da utilização da *internet* e a qualidade de tempo que os pais e adolescentes partilham, utilizando esta tecnologia como uma atividade familiar e uma nova oportunidade para os pais passarem mais tempo com os filhos. No entanto, estes últimos autores, consideraram a utilização da *internet* no geral e não a utilização problemática da *internet* como foi o caso do presente estudo.

No que diz respeito á hipótese de investigação 2 “O número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes varia em função do nível socioeconómico”, esta não foi confirmada uma vez que, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes e o nível socioeconómico, verificando-se que a variável sociodemográfica, nível socioeconómico, não introduz alteração no número de horas despendidas na *internet*. Os resultados obtidos não foram de encontro aos estudos anteriores realizados pela Marktest (2020), que revelaram que os utilizadores de classe média passam mais tempo na *internet* quando comparados com os de classes baixas. O facto de no presente estudo, apenas 7.5% da amostra apresentarem um nível socioeconómico baixo, pode explicar os resultados obtidos. Tendo em conta que os dados foram recolhidos numa escola pública, poderia ser esperada uma maior variabilidade em termos de nível socioeconómico das famílias, no entanto, o facto de terem sido os alunos a classificar nível socioeconómico do agregado familiar poderia ter influenciado os resultados obtidos.

Relativamente á hipótese de investigação 3 “Há uma associação entre os conteúdos acedidos na *internet* pelos adolescentes e o sexo”, a mesma foi confirmada no presente estudo. Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos em relação aos conteúdos acedidos na *internet*, sendo que os adolescentes do sexo feminino acedem menos aos jogos *online* quando comparados com os do sexo masculino, que acendem mais aos jogos *online* que aos restantes conteúdos. Os resultados obtidos no presente estudo são corroborados pelos estudos de Sasmaz et al. (2014) e Valero-Solis et al. (2018) que mostram que os adolescentes do sexo masculino utilizam a *internet* sobretudo para jogos *online*, ao contrário do sexo feminino que utiliza para comunicação e redes sociais.

No que diz respeito á questão de investigação 1 “A vinculação com os pais varia em função do nível socioeconómico?”, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, ao nível da Comunicação e Proximidade Afetiva. Os adolescentes, com um nível socioeconómico mais alto apresentam uma Comunicação e Proximidade Afetiva de maior qualidade com os pais, do que adolescentes com um nível socioeconómico médio. É possível que, em famílias com um nível socioeconómico mais elevado, os pais apresentem um nível de escolaridade mais alto, podendo influenciar a forma como comunicam com os seus filhos, refletindo-se numa maior qualidade de comunicação. Adicionalmente, estes podem dispor de mais recursos que lhes permitam delegar tarefas, e desta forma ter mais tempo para passar com os seus filhos, resultando numa maior Comunicação e maior Proximidade Afetiva com os mesmos.

Quanto á questão de investigação 2 “A vinculação aos pais varia em função do sexo dos filhos?”, os resultados obtidos no estudo demonstraram, diferenças estatisticamente significativas em termos da Aceitação Mútua e Compreensão, sendo esta superior em adolescentes do sexo masculino, ainda que com pontuações próximas. Tendo em conta que a maioria dos participantes do nosso estudo se encontra na fase inicial ou intermédia da adolescência, os resultados obtidos, podem ser justificados com base no estudo de Machado e Oliveira (2007), em que foram observadas diferenças na vinculação aos pais entre os sexos, destacando-se o facto de, em termos gerais, as pontuações obtidas pelos rapazes serem superiores ás das raparigas no período inicial (considerado) da adolescência, já no período entre os dezassete e os dezoito anos observam-se valores mais elevados nas raparigas.

No que diz respeito á questão de investigação 3 “A vinculação aos pais varia em função da idade dos filhos?”, no presente estudo os resultados demonstraram, a existência de uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a Comunicação e Proximidade Afetiva e a idade dos filhos, indicando que á medida que a idade dos filhos vai aumentando, a Comunicação e a Proximidade Afetiva com os pais é menor. Considerando que na adolescência segundo Alarcão (2006), os pais e filhos passam um menor número de tempo juntos e realizam um menor número de atividades e tarefas em conjunto é possível que isto se reflita numa diminuição da proximidade afetiva. Neste sentido, segundo Rodríguez e López (1999), a interação entre pais e filhos pode caracterizar-se por uma pobre comunicação e expressão emocional negativa, tendo em conta a importância assumida pelo grupo de pares, podendo ser explicativa da diminuição observada neste estudo da Comunicação entre pais e filhos.

Quanto á questão de investigação 4 “Há uma correlação entre o número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes e o ano de escolaridade que frequentam” não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre o número de horas despendidas na *internet* pelos adolescentes por dia e o ano de escolaridade que frequentam. Era possível que o avançar do ano de escolaridade, implicasse uma maior utilização da *internet* para dar resposta por exemplo, a trabalhos solicitados pelos professores. Por outro lado, com o avançar da adolescência relacionado com a progressão na escolaridade, o alargamento de grupo de pares poderia justificar uma maior utilização das redes sociais, pois segundo Kirchler, Palmonari & Pombeni (1993), o grupo de pares revela-se um grupo exterior à família altamente significativo na adolescência para o/a adolescente. Na amostra o facto de a informação relativa ao número de horas passadas na *internet* por dia, ter sido recolhida em categorias pode não refletir o real tempo que os adolescentes despendem na *internet*, o que por sua vez pode ter influenciado o resultado obtido.

Por fim, no que diz respeito á questão de investigação 5 “O número de horas despendidas na *internet* está relacionado com a idade dos pais?”, os resultados do presente estudo demonstraram a não existência de correlações estatisticamente significativas. Tendo por base a extensão da diferença de idades entre os pais dos alunos que variam entre os 27 e os 83 anos, no caso do pai, e entre os 28 e os 60 anos, no caso da mãe, encontrando-se assim em gerações diferentes, considerou-se importante perceber se isto poderia levar a um maior ou menor número de horas despendidas na *internet* consoante a idade dos pais. Os resultados obtidos podem ser indicativos, de uma não intervenção direta dos pais, sendo importante em estudos futuros compreender se é feita uma monitorização problemática da *internet* em relação os filhos. Como referido este resultado pode estar a ser influenciado pelo formato em que os dados relativos ao número de horas despendidos na *internet* por dia foram recolhidos.

Embora a utilização problemática da *internet* por parte dos adolescentes seja, um tema bastante estudado, o cruzamento desta variável com a vinculação aos pais através da perspetiva dos adolescentes, não é alvo de muitos estudos, sendo assim escassos os estudos que corroborem ou não o estudo realizado.

## Conclusão

O presente estudo desenvolveu-se como previsto, cumprindo os objetivos estabelecidos. No que respeita á percepção da influência da utilização problemática da *internet* por parte dos adolescentes na vinculação com os pais, os resultados obtidos demonstraram que a mesma tem influência, ainda que apenas nas dimensões da Comunicação e Proximidade Afetiva, Aceitação e Compreensão.

Os resultados obtidos mostraram ainda que, apenas a variável sociodemográfica sexo mostrou diferenças no tipo de utilização da *internet* por parte dos adolescentes.

Em termos da vinculação estabelecida com os pais, os resultados demonstram que no que diz respeito às variáveis sociodemográficas, apenas se registaram diferenças de acordo com sexo, nível socioeconómico e uma relação significativa com a idade dos adolescentes.

Este estudo apresenta algumas limitações que podem influenciar os resultados obtidos, nomeadamente, quanto á metodologia utilizada, a recolha de dados dos questionários ter sido feita em dias e horários diferentes nos diferentes anos de escolaridade, de encontro á disponibilidade dos participantes e do espaço disponível na respetiva instituição, podendo influenciar as respostas dadas pelos mesmos, tendo em conta que em algumas turmas a recolha foi feita ao fim do dia, podendo denotar-se cansaço nos participantes. É de referir também o facto de os dados terem sido recolhidos apenas através de questionários e apenas numa perspetiva dos adolescentes, o que pode ter enviesado os resultados obtidos sendo que seria interessante num estudo futuro obter a perspetiva dos pais ou dos professores, para complementar.

As análises de dados realizadas, por assentarem sobretudo em análises de correlação, não permitem inferir causalidade entre as variáveis, podendo haver uma relação bidirecional entre a vinculação aos pais e a utilização problemática da *internet*. Deste modo, pode ser uma menor qualidade na vinculação aos pais, a levar a que os adolescentes recorram mais á utilização problemática da *internet* ou uma maior utilização problemática da *internet* pode ter consequências negativas na qualidade da vinculação aos pais.

O facto de a amostra ser pouco homogênea, em algumas variáveis sociodemográficas nomeadamente ao nível do ano de escolaridade dos participantes, havendo uma grande discrepância entre a percentagem de alunos que frequenta o 10º e o

12º ano quando comparados com outros anos de escolaridade e nomeadamente no que diz respeito ao nível socioeconómico sendo que o nível socioeconómico baixo se encontra com uma representação de 7.5%. Assim, seria interessante recolher dados com uma amostra mais heterogénea.

Apontasse ainda como limitação, a realização do estudo com foco na utilização problemática da *internet*, tendo sido vantajoso, fazer esta análise também relativa á utilização da *internet*, sem o foco na utilização problemática.

Relativamente a estudos futuros acerca desta temática, seria interessante fazer um estudo longitudinal, no sentido de analisar esta perceção de influência ao longo dos diferentes anos de escolaridade destes mesmos participantes. Seria ainda, interessante analisar em estudos futuros por exemplo, a perceção dos pais relativamente a esta influência da utilização problemática da *internet* na vinculação aos filhos. Poderia ser pertinente a análise do impacto que a utilização da *internet* tem na qualidade das relações com os pares, para além da vinculação aos pais. Investigações futuras poderiam também explorar, a relação entre a utilização problemática da *internet* e o desempenho académico dos adolescentes.

### Referências Bibliográficas

- Abbate, J. (1999). *Inventing the Internet*, MIT Press, Cambridge.
- Aberastury, A. & knobel. M. (1988). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). *Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais*. <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>
- Abreu, C. (2012). La teoría de los grupos de referencia. *Agora: papeles de Filosofía*, 31(2).
- Ainsworth, MDS (1969). Relações objetais, dependência e apego: uma revisão teórica da relação mãe-bebê. *Desenvolvimento infantil* , 969-1025.
- Ainsworth, MDS, Blehar, MC, Waters, E., & Wall, SN (2015). *Padrões de apego: Um estudo psicológico da situação estranha* . Imprensa Psicologia.
- Anderson, EL, Steen, E., & Stavropoulos, V. (2017). Uso da Internet e uso problemático da Internet: Uma revisão sistemática das tendências de pesquisa longitudinal na adolescência e na idade adulta emergente. *Revista Internacional de Adolescência e Juventude* , 22 (4), 430-454. <https://doi.org/10.1080/02673843.2016.1227716>
- Alarcão, M. (2002). (des)*Equilíbrios Familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Allison, SE, Von Wahlde, L., Shockley, T., & Gabbard, GO (2006). O desenvolvimento do eu na era da internet e dos RPGs de fantasia. *American Journal of Psychiatry* , 163 (3), 381-385.
- Almeida, A.; Alves, N.; Delicado, A. & Carvalho, T. (2013). Crianças e a internet: a ordem geracional revisitada [versão eletrónica], *Análise Social*, 207, pp. 340-366.
- Associação Economia Digital. (2020). *Economia Digital em Portugal*. <https://idcportugal.com/>
- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 19(3), 539-547.
- Baloğlu, M., Kozan, H. İ. Ö., & Kesici, Ş. (2018). Gender differences in and the relationships between social anxiety and problematic internet use: Canonical analysis. *Journal of medical Internet research*, 20(1), 33.

- Booth, CL, Rubin, KH, & Rose-Krasnor, L. (1998). Percepções de apoio emocional de mãe e amigo na segunda infância: ligações com adaptação socioemocional e segurança de apego pré-escolar. *Desenvolvimento infantil*, 69 (2), 427-442.
- Boubeta, A. R., Ferreira, S. G., Salgado, P. G., & Couto, C. B. (2015). Variables asociadas al uso problemático de internet entre adolescentes. *Salud y drogas*, 15(1), 25-38. <https://doi.org/10.21134/haaj.v15i1.223>
- Bowlby, J. (1997). *Attachment and Loss: attachment* (Vol.1). London: Pimlico [1st Edition, 1969].
- Bowlby, E. J. M. (1998). *Attachment and loss: Vol. 2: Separation: Anger and anxiety*. Pimlico.
- Bowlby, R. (2008). Apego, o que é, por que é importante e o que podemos fazer para ajudar as crianças a adquirir um apego seguro. *Melhorando a Qualidade da Infância na União Européia - Perspectivas Atuais*, 117-126.
- Bozkurt, H., Özer, S., Şahin, S., & Sönmezgöz, E. (2018). Padrões de uso da internet e dependência de internet em crianças e adolescentes com obesidade. *Obesidade pediátrica*, 13 (5), 301-306.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Calligaris, C. (2011). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Capelatto, I. (2016). *Diálogos sobre a afetividade*. Campinas: Papirus.
- Chung, S., Lee, J., & Lee, HK (2019). Fatores pessoais, características da internet e fatores ambientais que contribuem para o vício em internet em adolescentes: uma perspectiva de saúde pública. *Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*, 16 (23), 4635.
- Chung, T. W., Sum, S. M., & Chan, M. W. (2019). Adolescent internet addiction in Hong Kong: prevalence, psychosocial correlates, and prevention. *Journal of Adolescent Health*, 64(6), 34-43.
- Church, K., Weight, J., Berry, M. & MacDonald, H. (2010). At Home with Media Technology. *Home Cultures*, 7(3), 263-286.
- Cross, D. R. (2007). Infant-parent attachment and the strange situation. *Child Psychology*, 1-16.
- De Goede, I., Branje, S. & Meeus, W. (2009). Development Changes in Adolescent's Perceptions of Relationships with Their Parents. *Journal of Youth Adolescence*, 38, 75-88.

- De Souza, S. H. D. S., & Schnitman, I. M. (2021). O uso da internet por adolescentes e as transformações nas relações de poder da família contemporânea. *REVES-Revista Relações Sociais*, 4(2), 11605-01.
- Disney, ER, Elkins, IJ, McGue, M., & Iacono, WG (1999). Efeitos do TDAH, transtorno de conduta e gênero no uso e abuso de substâncias na adolescência. *American Journal of Psychiatry*, 156 (10), 1515-1521.
- Erikson, E. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- Fernandes, J. (2013). Da utopia da sociedade em rede à realidade da sociedade de risco [versão eletrônica], *Análise Social*, 207, pp. 260-286.
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, (32), 141-162.
- Fonseca, H. (2004). Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. *Adolescência e Saúde*, 1(3), 6-11.
- Figueiredo, B. (2003). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé. *Revista Internacional de Psicologia Clínica y de la Salud*, 3(3), 521-539.
- Fife-Schaw, C. (2006). Levels of Measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds), *Research Methods in Psychology* (3.ª Ed.). London: Sage.
- Fortin, M. F., Côté, J., & Fillion, F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Fuertes, M., Santos, P. L., Beegly, M., & Tronick, E. (2006). More than maternal sensitivity shapes attachment. Infant coping and temperament. *New York Academy of Sciences*, 1094, 292-296. <https://doi.org/10.1196/annals.1376.037>
- Guo, L., Luo, M., Wang, W. X., Huang, G. L., Xu, Y., Gao, X., ... & Zhang, W. H. (2018). Association between problematic Internet use, sleep disturbance, and suicidal behavior in Chinese adolescents. *Journal of Behavioral Addictions*, 7(4), 965-975.
- Hafner, K., & Lyon, M. (1998). *Where wizards stay up late: The origins of the Internet*. Simon and Schuster.
- Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 573-685.
- Hartos, J. & Power, T. (2000). Relations among single mothers awareness of their adolescents stressors, maternal monitoring, mother-adolescent communication, and adolescent adjustment. *Journal of Adolescent Research*, 15, 546-563.

- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Heo, J., Chun, S., Lee, S., Lee, K. H., & Kim, J. (2015). Internet use and well-being in older adults. *Cyberpsychology Behavior, and Social Networking*, 18(5), 268-272. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0549>
- Hameededdin, N. M. (2010). *New Communication Technologies and Social Change: Cell Phone Effects on the Saudi Family* (Doctoral dissertation, Dissertação de Mestrado). Universidade Americana).
- Hughes, M. M., Blom, M., Rohner, R. P., & Britner, P. A. (2005). Bridging parental acceptance-rejection theory and attachment theory in the preschool strange situation. *ETHOS*, 33(3), 378-401.
- INE. (2020). 80% dos utilizadores de internet participam em redes sociais. Internet Live Stats, *Live*. Recuperado em 09 Maio, 2022, de <http://www.internetlivestats.com>.
- Jutkoski, M. (2009). Relações de autoridade no âmbito da família de adolescentes: as falas dos alunos.
- Kim, K. (2013). Associação entre uso excessivo da Internet e agressão em adolescentes coreanos. *Pediatrics international*, 55 (6), 703-709.
- Kim, Y. J., Roh, D., Lee, S. K., Canan, F., & Potenza, M. N. (2018). Factors statistically predicting at-risk/problematic internet use in a sample of young adolescent boys and girls in South Korea. *Frontiers in Psychiatry*, 9, 351.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1993). *Developmental Tasks and Adolescents' Relationships with Their Peers and Their Family*. Reino Unido: Lawrence Erlbaum Associates.
- Köhler, J. F. (2011). A influência da internet nas relações familiares.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017-1031.
- Lee, J.Y, Shin, K. M., Cho, S. M., & Shin, Y. M. (2014). Psychosocial risk factors associated with internet addiction in Korea. *Psychiatry Investig*, 11(4).
- Lévy, P. (1999). *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- Libâneo, J. B. (2010). Influência da tecnologia na família. <http://domtotal.com/artigo.pdf>

- Li, Q., Dai, W., Zhong, Y., Wang, L., Dai, B., & Liu, X. (2019). The mediating role of coping styles on impulsivity, behavioral inhibition/approach system, and internet addiction in adolescents from a gender perspective. *Frontiers in psychology, 10*, 2402.
- Lissitsa, S., & Chachashvili-Bolotin, S. (2016). Life satisfaction in the internet age: changes in the past decade. *Computers in Human Behavior, 54*, 197-206. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.08.001>
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura, XIII* (1), 139-156.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação, 6*(1), 97-115.
- McGrath, S. (2012). The impact of new media technologies on social interaction in the household. *Electronic Culture and Social Change, 1-47*.
- Marktest. (2017). *Observatório*. Recuperado em 09 Maio 2022, de <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~a8.aspx>.
- Marktest. (2019). *Observatório*. Recuperado em 09 Maio 2022, de <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~a8.aspx>.
- Marktest. (2022). *Observatório*. Recuperado em 09 Maio 2022, de <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~a8.aspx>.
- Martins, C. (2011). Manual de Análise dos dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer e interpretar e redigir: Psiquilibrios Edições.
- Martins, D. A. (2013). *Adolescentes internautas, família, e depressão: Estudo da relação entre a utilização da internet e das redes Sociais, o ambiente familiar e a sintomatologia depressiva* (Doctoral dissertation).
- Mendonza, R., Triana, B., Rubio, A., & Vara del Rey, C. (2006). La capacidad de comunicacion parento-filial en la adolescência: diferencias de género y tendencias temporales observadas en España. *Anuário de psicologia, 37* (3), 225-246.
- Mellouli, M., Zammit, N., Limam, M., Elghardallou, M., Mtiraoui, A., Ajmi, T., & Zedini, C. (2018). Prevalence and predictors of internet addiction among college students in sousse, Tunisia. *Journal of research in health sciences, 18*(1), 403.
- Mesch, G. S. (2006a). Family characteristics and intergenerational conflicts over the Internet. *Information, Communication & Society, 9*, 473-495. DOI: 10.1080/13691180600858705

- Mesch, G. S. (2006b). Family relations and the Internet: Exploring a family boundaries approach. *The Journal of Family Communication*, 6, 119–38. DOI: 10.1207/s15327698jfc0602\_2.
- Mesch, G. S. (2003). The family and the Internet: The Israeli case social. *Science Quarterly*, 84, 1039-1050.
- Moreno-Guerrero, AJ, Gómez-García, G., López-Belmonte, J., & Rodríguez-Jiménez, C. (2020). Dependência de internet na base de dados web of science: uma revisão da literatura com mapeamento científico. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17 (8), 2753.
- Moretti, MM, Pasalich, DS, & O'Donnell, KA (2017). Um programa baseado em apego para pais de adolescentes. *Manual de intervenções baseadas no apego*, 375-400.
- Mota, C. & Rocha, M. (2012). Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação Individuação e o Jogo das Relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- MUUSS, R. (1976). *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte. Interlivros.
- Neufeld, C. B. (2017). *Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental*. Artmed Editora.
- Neves, C. D. (2011). *Diferenciação do self: diferenças entre pais e filhos adolescentes e relação com o ambiente familiar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de: Repositório da Universidade de Lisboa (<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5101>)
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”. *Cadernos Cedes*, 25, 71-85.
- Oliveira, A. C. (2017). *Famílias cuidados e políticas públicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro. Acervo, p. 195-208.
- Ozturk, Y., Moretti, M., & Barone, L. (2019). Abordando o estresse parental e problemas comportamentais de adolescentes por meio de um programa baseado em apego: um estudo de intervenção. *Revista Internacional de Psicologia e Terapia Psicológica*, 19 (1), 89-100.
- Pontes, F. A., Silva, S. S., Garotti, M., & Magalhães, C. M. (2007). Teoria do apego: Elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79.
- PORDATA. (2019). Base de Dados Portugal Contemporâneo. <https://www.pordata.pt/Portugal>

- PORDATA. (2022). Estatísticas sobre Portugal e a Europa.  
<https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+grupo+et%C3%A1rio-1139>
- Prados, M., Vicent, P. & Esteban, S. (2014). La Comunicación en la familia a través de las TIC. Percepción de los adolescentes. *Puls*, 37, 35-38.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9 (5).  
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>
- Priberam Dicionário. (2022). [12-05-2022]. Retirado de  
<https://www.priberam.pt/DLPO/media>
- Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). *Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais*. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. Atlas.
- Ryan, R. M., & Lynch, J. H. (1989). Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.
- Rayan, A., Dadoul, A. M., Jabareen, H., Sulieman, Z., Alzayyat, A., & Baker, O. (2017). Internet use among university students in south West Bank: prevalence, advantages and disadvantages, and association with psychological health. *International Journal of Mental*, 15(1), 118-129.  
<https://doi.org/10.1007/s11469-016-9658-2>
- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Rideout, V., Foehr, U. & Roberts, D. (2010). *Generation M2: Media in the Lives of 8-to 18-Year-Olds: A Kaiser Family Foundation Study*. Menlo Park, California: Henry J. Kaiser Family Foundation.
- Rodríguez, J. & López, B. (1999). La familia y el adolescente. *Revista Medica del Hospital General de México*, 62(3), 191-197.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22, 33-41.
- Santana, S. M., Cavalcanti, R. P., & Schuler, E. (2017). Terapia Cognitivo Comportamental para familiares de dependentes químicos. Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental. Porto Alegre: Artmed.

- Santos, M., Neto, M., & Souza, Y. (2011). Adolescência em revista: um estudo sobre representações sociais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(2), 103-113.
- Şaşmaz, T., Öner, S., Kurt, A. Ö., Yapıcı, G., Yazıcı, A. E., Buğdaycı, R., & Şiş, M. (2014). Prevalence and risk factors of Internet addiction in high school students. *The European Journal of Public Health*, 24(1), 15-20.
- Saxbe, D., Graesh, A. & Alvik, M. (2011). Television as a Social or Solo Activity: Understanding Families' Everyday Television Viewing Patterns. *Communication Research Reports*, 28(2), 180-189.
- Schneider, B. H., & Younger, A. J. (1996). Adolescent-parent attachment and adolescents' relations with their peers: A closer look. *Youth Society*, 28(1), 95-108.
- Shibuya, C. L. A. (2012). *Do virtual ao real: implicações da internet nos projetos de vida do adolescente*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco.
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*, (20), 75-99.
- Silva, P. F. B. D. (2021). *Relação entre uso problemático de internet e dos videogames com o consumo de substâncias, variáveis psicológicas e pratica de actividade física entre adolescentes em Portugal: um estudo preliminar* (Doctoral dissertation).
- Spizzirri, R. C., Wagner, A., Mosmann, C. P., Armani, & B., A. (2012). Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicologia Argumento*, 30(69), 327-335.
- Steinberg, L. (2005). Desenvolvimento Cognitivo e Afetivo na Adolescência. *Tendências em ciências cognitivas*, 9 (2), 69-74.
- Fagiolini, A. (2015). Internet addiction disorder in a sample of 402 high school students. *Psychiatr. Pol*, 49(2), 255-263.
- Tomaszek, K., & Muchacka-Cymerman, A. (2019). Sex differences in the relationship between student school burnout and problematic internet use among adolescents. *International journal of environmental research and public health*, 16(21), 4107.
- Valero-Solís, S., Granero, R., Fernández-Aranda, F., Steward, T., Mestre-Bach, G., Mallorquí-Bagué, N., ... & Jiménez-Murcia, S. (2018). The contribution of sex,

- personality traits, age of onset and disorder duration to behavioral addictions. *Frontiers in Psychiatry*, 497.
- Van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2010). Stretched until it snaps: Attachment and close relationships. *Child Development*, 4(2), 109-111.
- Vaughn, B. E., Bost, K. K., & van IJzendoorn, M. H. (2008). *Attachment and temperament: Additive and interactive influences on behavior, affect and cognition during infancy and childhood*. New York: The Guilford Press.
- Verbeek, P. (2006). Tecnopólis: a vida pública dos artefactos tecnológicos [versão eletrónica], *Análise Social*, 181, 1105-1125.
- Villegas, A. (2013). The influence of technology on family Dynamics. *Proceedings of the New York State Communication Association*, 10, 1-17.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L.M., & Mosmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Petrucci de Melo, L., & Silveira, P. (2005). Estratégias de Comunicação Familiar: A Perspectiva dos Filhos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 277-282.
- Weber, L. N., Prado, P. M., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2008). Construção e fiabilidade das escalas de qualidade na interação familiar. *Psicologia Argum.* 26(52), 55-65.
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). *Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security*. New York: The Guilford Press.
- Wellman, B., Haase, A., Witte, J. & Hampton, K. (2001). Does the Internet Increase, Decrease, or Supplement Social Capital?: Social Networks, Participation, and Community Commitment. *American Behavioral Scientist*, 45, 436-455.  
<https://doi.org/10.1177/00027640121957286>
- Yen, J. Y., Ko, C. H., Yen, C. F., Wu, H. Y., & Yang, M. J. (2007). The comorbid psychiatric symptoms of Internet addiction: attention deficit and hyperactivity disorder (ADHD), depression, social phobia, and hostility. *J Adolesc Health*, 41(1), 93-98. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.02.002>
- Zimmer, M. (2007). *The panoptic gaze of web 2.0: how web 2.0 platforms act as infrastructures of dataveillance*. New York: New York University.
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.

**ANEXOS**

**Anexo I: Cronograma**



**Anexo II:** Escala Uso Generalizado Problemático da Internet 2- EUGPI2 (Caplan, 2010; adaptado para a população portuguesa por Pontes, Caplan & Griffiths, 2016)

## EUGPI2

(Caplan, 2010; adaptado para a população portuguesa por Pontes, Caplan & Griffiths, 2016)

Tendo em conta a seguinte escala, avalie em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações relativamente ao uso da ***Internet*** não profissional ou académico. Isto é, **apenas considere o uso por lazer**, tanto no computador como em qualquer outro tipo de dispositivo com acesso à *Internet*.

**Escala de resposta:**

1 = Discordo totalmente;

2 = Discordo;

3 = Discordo um pouco;

4 = Neutro;

5 = Concordo um pouco;

6 = Concordo;

7 = Concordo totalmente.

	Discordo totalmente	Discordo	Discordo um pouco	Neutro	Concordo um pouco	Concordo	Concordo totalmente
1. Prefiro a interação social <i>online</i> em vez da comunicação cara-a-cara.	1	2	3	4	5	6	7
2. Já usei a <i>Internet</i> para falar com outras pessoas quando me senti sozinho(a).	1	2	3	4	5	6	7
3. Quando não estou <i>online</i> por algum tempo, começo logo a pensar em voltar a ligar-me.	1	2	3	4	5	6	7
4. Tenho dificuldade em controlar a quantidade de tempo que passo <i>online</i> .	1	2	3	4	5	6	7

5. Tenho dificuldade em gerir a minha vida por causa da <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5	6	7
6. Sinto-me mais confortável com a interação social <i>online</i> do que com a interação cara-a-cara.	1	2	3	4	5	6	7
7. Já usei a <i>Internet</i> para me sentir melhor quando me sentia em baixo.	1	2	3	4	5	6	7
8. Sentir-me-ia perdido(a) se não pudesse usar a <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5	6	7
9. Sinto que é difícil controlar o meu uso da <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5	6	7
10. Perdi compromissos ou atividades sociais por causa do meu uso da <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5	6	7
11. Prefiro comunicar com as pessoas <i>online</i> em vez de cara-a-cara.	1	2	3	4	5	6	7
12. Já usei a <i>Internet</i> para me sentir melhor quando estava chateado(a).	1	2	3	4	5	6	7
13. Penso obsessivamente em estar online quando não estou na <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5	6	7
14. Quando não estou na <i>Internet</i> , é difícil resistir ao impulso de me ligar.	1	2	3	4	5	6	7
15. O uso da <i>Internet</i> já me criou problemas na vida.	1	2	3	4	5	6	7

**Anexo III:** IPPA-R – Escala de Vinculação aos Pais. Figueiredo, T. C.& Machado, T. S., 2008; Versão Portuguesa do “*Inventory of Parent and Peer Attachment*”; Armsden & Greenberg (1987).

### IPPA-R – Escala de vinculação aos Pais.

Figueiredo, T. C. & Machado, T. S., 2008; Versão Portuguesa do “Inventory of Parent and Peer Attachment”; Armsden & Greenberg (1987).

Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_ Sexo: M / F

Por favor lê com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinala o grau em que cada uma descreve a forma como te sentes **em relação aos teus pais** (\_\_\_\_\_). Não existem respostas certas ou erradas, **responde de acordo com o que geralmente sentes.**

1. Nunca Verdadeira;
2. Poucas vezes Verdadeira;
3. Algumas vezes Verdadeira;
4. Muitas vezes Verdadeira;
5. Sempre Verdadeira.

1. Os meus pais respeitam os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
2. Penso que os meus pais são uns bons pais.	1	2	3	4	5
3. Eu gostava de ter outros pais.	1	2	3	4	5
4. Os meus pais aceitam-me tal como eu sou.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto de pedir a opinião dos meus pais acerca das coisas que me preocupam.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto de pedir a opinião dos meus pais acerca das coisas que me preocupam.	1	2	3	4	5
7. Os meus pais conseguem notar quando estou preocupado com alguma coisa.	1	2	3	4	5
8. Eu sinto-me envergonhado ou ridículo quando falo dos meus problemas com os meus pais.	1	2	3	4	5
9. Os meus pais esperam demasiado de mim.	1	2	3	4	5
10. Irrito-me facilmente com os meus pais.	1	2	3	4	5

11. Eu fico irritado mais vezes do que os meus pais dão conta.	1	2	3	4	5
12. Quando conversamos sobre algum assunto, os meus pais valorizam a minha opinião.	1	2	3	4	5
13. Os meus pais confiam nas minhas decisões.	1	2	3	4	5
14. Os meus pais já têm os seus problemas, por isso eu não os incomodo com os meus.	1	2	3	4	5
15. Os meus pais ajudam-me a compreender-me melhor.	1	2	3	4	5
16. Eu conto aos meus pais os meus problemas e preocupações.	1	2	3	4	5
17. Eu sinto-me zangado com os meus pais.	1	2	3	4	5
18. Eu não recebo muita atenção dos meus pais.	1	2	3	4	5
19. Os meus pais ajudam-me a falar das minhas preocupações.	1	2	3	4	5
20. Os meus pais compreendem-me.	1	2	3	4	5
21. Quando estou zangado com alguma coisa, os meus pais procuram ser compreensivos.	1	2	3	4	5
22. Eu confio nos meus pais.	1	2	3	4	5
23. Os meus pais não entendem o que estou a passar agora.	1	2	3	4	5
24. Eu posso contar com os meus pais quando preciso de desabafar.	1	2	3	4	5
25. Se os meus pais sabem que algo me está a preocupar, eles perguntam-me o que se passa.	1	2	3	4	5

**Anexo IV:** Caracterização sociodemográfica dos pais dos participantes

**Tabela 12.***Caracterização sociodemográfica dos pais dos participantes*

<b>Variáveis</b>	<b><i>N</i></b>	<b>%</b>	<b><i>M (DP)</i></b>
<b>Idade do pai</b>			45.92 (7.61)
	27	0.3	
	30	0.7	
	31	0.3	
	32	0.3	
	33	0.3	
	34	1.6	
	35	2.3	
	36	2	
	37	3.9	
	38	3.3	
	39	3.3	
	40	5.5	
	41	4.6	
	42	5.2	
	43	3.9	

---

44	3.6
45	8.5
46	3.9
47	5.9
48	3.9
49	3.6
50	4.6
51	2.9
52	2.6
53	5.2
54	2.9
55	2.9
56	1.6
57	1
58	1.3
59	0.7
60	0.3
61	0.3
62	0.3
64	0.7

---

---

	66	0.3	
	74	0.3	
	80	0.3	
	83	0.3	
<b>Idade da Mãe</b>			43.28 (6.01)
	28	0.7	
	30	0.7	
	31	0.3	
	32	1.6	
	33	2.3	
	34	1.6	
	35	2.3	
	36	4.6	
	37	4.2	
	38	3.3	
	39	4.9	
	40	6.8	
	41	4.6	
	42	7.5	
	43	6.2	

---

---

	44	3.6
	45	6.8
	46	5.5
	47	4.9
	48	5.5
	49	5.2
	50	4.6
	51	3.3
	52	0.7
	53	2.3
	54	1.3
	55	1.3
	57	1
	58	0.3
	60	0.3
<b>Habilitações Literárias dos pais</b>		
Até ao 9º ano	133	43.3
Secundário	89	29.0
Ensino Superior	85	27.7

---

---

**Habilitações Literárias da mãe**

Até ao 9º ano	113	36.8
Secundário	101	32.9
Ensino Superior	93	30.3

**Situação profissional do pai participantes**

Empregado	284	92.5
Desempregado	22	7.2
Estudante	1	.3

**Situação profissional da mãe dos participantes**

Empregada	254	82.7
Desempregada	45	14.7
Estudante	8	2.6

---